

correr com o 2012

Também na corrida, como em tudo, as boas companhias ajudam. Na última caminhada do ano, no litoral a oeste, o Rui PJ falou-me em fazer as 3 S. Silvestres: Lisboa, Olivais e Amadora. Três dias, os últimos do ano, três corridas. Em boa hora assim foi, por esta ordem. Por obra do acaso (?) esta é a melhor sequência: **Lisboa a 29, Olivais a 30 e, finalmente, a Amadora a 31.**

Todavia, **antes há o antes.** O antes também faz parte da corrida. É essencial. O treino, a motivação, a preparação, a conversa, só por isto, e muito mais, valeu a pena.

No sábado, dia 29 à tarde, **a corrida de Lisboa** assume-se como a corrida da capital, o resto é paisagem. Nesta sua quinta edição dizem que estavam 7000 participantes. Seja como for, não há dúvida que esta corrida veio para ficar e que se irá consolidar, ano após ano, como uma corrida fortemente popular e bem organizada, tipo a “corrida do Tejo” no fim de ano.

Uma partida indigesta, pelas conversas dos palermas que casualmente me rodeavam na caixa dos sub 50. Partimos em direção ao Tejo. Depois deste, a longa e previsível subida até ao Saldanha. De regresso aos Restauradores percebi que as minhas pernas não têm andamento para o empurrão da descida (daqui a três dias na Amadora iria ser diferente e as pernas já mostraram mais velocidade). No fim, os 48 min do 1216º lugar em 7000.

Seguiu-se uma aparente boa recuperação.

Dia 30, 21:00 nos Olivais, sem aquecer – ainda estou para saber porquê, talvez pela boa companhia da Ana e do Nuno? – os primeiros metros a descer mostram que as pernas estão sentidas. E agora? Ainda faltam 9 850 m, primeiro num sobe e desce, depois numa descida, mais uma vez até ao Tejo (Expo), uma longa descida até ao rio. A seguir à placa dos 6 km começa a verdadeira corrida, a subida até à meta.

Quando se chega aos Olivais e se correm algumas das suas ruas, parece que estamos a mais de 200 km da capital, algures na província. Somando a isto a hora da prova e temos um conjunto de ingredientes, onde nem as faturas faltam. Seja como for, estamos numa prova que já vai na sua 24ª edição onde se sente a tradição associada a algum espírito competitivo; 49 min, foi o melhor possível. O jantar tardio a pesar no estômago e o desconhecimento total do percurso não deu para mais, quase o primeiro terço da classificação geral.

Amadora, a rainha das S. Silvestres. Ler, desde 1975 com Carlos Lopes como vencedor, o palmarés desta corrida é impressionante. Todos os grandes nomes de atletas, de homens e mulheres, alguns já esquecidos, aqui se escrevem. Chovia torrencialmente quando, às 17:00, cheguei à Amadora, fantásticos acessos tem esta cidade dos arredores de Lisboa, era noite. Talvez o momento mais “o que estou aqui a fazer?” foi quando abri a porta do carro, e um

vento frio e uma água gelada me molharam quase na totalidade as pernas. O resto do corpo, tinha-o protegido com uma capa encarnada, de um jogo do Benfica, há alguns anos, em Setúbal.



Capuchinho encarnado em aquecimento.

Não muito longe, estava a Meta e na rua de trás, a Partida. Apesar da chuva e vento, muita luz, som e festa. Pouca gente, a maioria nas arcadas dos prédios vizinhos. Naquelas condições climáticas, e até porque estava rigorosamente sozinho, achei por bem fazer o que todos fazem, aquecer. Com o aproximar da hora, 18:00, a rua encheu-se. Em determinada altura assustei-me, passou por mim, no aquecimento, um ser com mais de um palmo sobre a minha cabeça, e um corpo atlético impressionante. Provavelmente, uma atleta da Letónia que já tinha sido anunciada nos altifalantes. Quase só por esta visão já valia a pena estar ali. A partida tardou, demais. Começámos logo a subir, para não restarem dúvidas ou ilusões. Até aos 7 km é assim, sobe e desce e sempre a subir. Numa destas subidas lá apareceu o Rui, sempre com um ar muito descontraído para os meus sofridos passos. Mais uma vez, não conhecia o percurso e quando perguntei alguma coisa a quem ia ao meu lado, a ignorância era igual à minha. Pelos 5km a subida foi tal que pensei estar a subir para o castelo da Amadora, afinal a Amadora teria um castelo? Absurdo, no meu entendimento, fazerem o abastecimento de água na base desta subida. Assumo a minha ignorância na matéria, mas não consigo compreender esta opção. O meu batimento cardíaco era tão alto que se metesse a garrafa na boca rebentava. De resto, a prova e o ambiente envolvente são fantásticos, a corrida faz parte da Amadora. Estava toda a

gente na rua a participar e isso anima imenso quem corre. Parece patético, mas estranhei correr de encarnado e não com a listada habitual, aliás, senti a camisola de alças da Nike com que corri muito pretensiosa. O homem é mesmo um animal de hábitos e entregue à sua mente, a correr, o mais incrível vem-nos à cabeça.

A massagem, de manhã, da Cristina, oferecida pelo Pedro, mostrou-se providencial, nada de dor nas pernas, excelente. Apesar dos incontornáveis (?) 48 min, pelas condições, estes terão sido os meus melhores 10 km de sempre.



Falta de água não foi. O da camisola pode confirmar que acabei na casa dos 48.

Destas três corridas, Amadora, sem dúvida; até já.

Carlos A Cupeto, 1.1.2013